

# Cristologia, Antropologia e Teologia Moral: Reflexões a partir da leitura conjunta de Cl 1,12-20 e *Gaudium et spes* 22

*Christology, Anthropology and Moral Theology:  
Reflections from the joint reading of  
Col 1,12-20 and Gaudium et spes 22*

*Luiz Henrique Brandão Figueiredo*

## Resumo

O homem é um ser moral por sua própria natureza racional. A experiência do apelo do bem, que ecoa na sua própria consciência, e a consequente resposta livre e consciente diante desse bem são fatos presentes na vida de todos os homens, sendo ele um cristão ou não. Isso significa que a experiência moral é humana e não uma prerrogativa de quem crê. Por outro lado, a partir da encarnação de Cristo, a fé cristã pretende oferecer a essa experiência humana a possibilidade de plenitude em Jesus. Em virtude dessa proposta, aparece a indagação se a proposta cristã teria algo próprio que o ser humano, por suas disposições naturais, não alcançaria. Dito de outro modo, nos vemos diante da pergunta se a experiência moral humana, como apelo do bem e resposta livre e consciente a ele, precisa do referencial cristão para levar o homem à sua plenitude. Este artigo procura refletir sobre essas questões refletindo sobre a experiência moral humana a partir da Cristologia do Novo Testamento, sobretudo do hino cristológico da Carta aos Colossenses, e da Antropologia do documento *Gaudium et spes*, do Concílio Vaticano II.

**Palavras-chave:** Cristologia. Antropologia. Teologia Moral.

## Abstract

The man is a moral being by his own rational nature. The experience of the appeal of the good, which echoes in his own conscience, and the consequent free and conscious response to this good, are facts present in the life of all men, whether he is a Christian or not. This means that moral experience is human and not a prerogative of the believer. On the other hand, from the incarnation of Christ, the Christian faith intends to offer to this human experience the possibility of fullness in Jesus. Because of this proposal, the question arises whether the Christian proposal would have something of its own that the human being, by its natural dispositions, would not achieve. In other words, we are faced with the question whether human moral experience, as an appeal to the good and a free and conscious response to it, needs the Christian framework to bring man to its fullness. This article seeks to reflect on these issues by reflecting on human moral experience from New Testament Christology, especially from the Christological hymn of the letter to the Colossians, and from the Anthropology of the *Gaudium et spes* document of the Second Vatican Council.

**Keywords:** Christology. Anthropology. Moral Theology.

## Introdução

No contexto da procura da renovação da Teologia Moral que se deu nas décadas sucessivas ao Concílio Vaticano II, sobretudo pelo impulso dado pelo Decreto *Optatm totius*,<sup>1</sup> surgiu entre os moralistas, como relata Bastianel,<sup>2</sup> especialmente entre os fautores da conhecida corrente da moral autônoma, a discussão se haveria e o que seria o *proprium* cristão no que diz respeito à essa dimensão moral da existência, uma vez que ela é natural a todos os homens. Essa discussão polarizou os grupos de moralistas colocando-os em posições opostas. Em um dos polos estavam os defensores da autonomia moral dos fiéis, que defendiam que, na experiência moral, não haveria nada que seria propriamente cristão. No outro polo, estavam aqueles que olhavam com grande desconfiança para a experiência moral natural e, mesmo não

<sup>1</sup> OT 16.

<sup>2</sup> BASTIANEL, S., Il carattere specifico della morale cristiana.





a negando, defendiam que o homem, somente pela fé explícita em Cristo, poderia fazer uma verdadeira experiência moral.

Dessa discussão surgiram muitas questões importantes sobre as quais se pode refletir. Entre elas, nos concentraremos em duas que cremos ser cruciais. A fé em Cristo acrescentaria ou não algo de novo à experiência moral natural? Haveria, no âmbito do referencial moral, algo propriamente cristão que se sobrepõe ou se acrescenta ao que se considera naturalmente humano? Este artigo procura responder a essas questões tendo como fundamento a relação existente entre Cristologia, Antropologia e Teologia Moral, vista a partir da leitura conjunta de Cl 1,12-20 e *Gaudium et spes* 22.

## 1. As bases cristológicas e antropológicas

A questão sobre o *proprium* cristão no que diz respeito à dimensão moral inerente a todo ser humano, com os seus desdobramentos, exige que compreendamos o termo que funciona como possível limite ou polo apostado ao que é cristão, que é o *humanum*. Tudo que admitimos como humano e, portanto, como natural ao homem, se refere diretamente à sua natureza criada e exige que nós a compreendamos a partir da teologia da criação.

### 1.1. Criação e redenção

A Sagrada Escritura reconhece como algo evidente que tudo o que existe, inclusive o homem, foi criado por Deus. Isso está expresso no Antigo Testamento, de modo evidente no duplo relato da criação em Gn 1-2, e é aceito e acolhido integralmente no Novo, como fica notório em diversas passagens: Mt 11,25; 13-35; 19,4; Mc 13,19; At 4,24; 7,49; 17,24-28; Rm 4,17; Ef 1,4; 3,9; 1Tm 4,4; 6,13; Hb 11,3; 1Pd 3,5; Ap 4,11.

Se de um lado se verifica este elemento de continuidade entre os dois testamentos, por outro vemos que há um elemento novo. A grande novidade do Novo Testamento é que a criação, sobretudo a do homem, é vista e expressa sempre na sua relação com Cristo. Segundo Ladaria,<sup>3</sup> essa interpretação cristológica da criação se dá de dois modos.

Em primeiro lugar, Jesus é visto como o cume da obra iniciada na criação. Os tempos escatológicos, iniciados com a encarnação do Verbo de

<sup>3</sup> LADARIA, L. F., *Antropologia Teologica*, p. 30.

Deus, e, em particular, a ressurreição redentora de Cristo, são o princípio cronológico da consumação da ação de Deus, que teve seu início na criação do mundo. Jesus é, portanto, o Ômega da história, particularmente da humana. Esse aspecto antropológico da escatologia é expresso por São Paulo ao traçar o paralelo entre Adão e Cristo, colocando em evidência que “em Jesus ressuscitado, o Adão definitivo, se aperfeiçoa a obra iniciada no primeiro Adão (1Cor 15,45-49)”<sup>4</sup>.

A partir da convicção de que Cristo é o vértice para o qual tende toda a história humana, a Sagrada Escritura expressa a tomada de consciência da Igreja a respeito da Sua mediação criadora, expressa em alguns textos, como por exemplo: Jo 1,3.10; 1Cor 8,6; Hb 1,1-3. Jesus é mediador da criação porque tudo foi criado por Ele, uma vez que foi criado para Ele, como vértice cósmico da história. Assim, do significado escatológico da pessoa de Cristo se passa ao protológico, ou seja, Ele é o Alfa porque é o Ômega.

Essa relação entre a escatologia e a protologia projeta uma importante luz para a compreensão sobre o homem e o que é naturalmente humano. Alargando o rol dos textos neotestamentário que expressam essa relação, um lugar eminente é ocupado pelo hino cristológico da Carta aos Colossenses. Vejamos como a supracitada relação entre escatologia e protologia pode nos ajudar a interpretar a realidade criatural natural humana.

## 1.2. Contribuição do hino cristológico

Antes de falarmos sobre o texto da Carta aos Colossenses, vejamos o seu texto:

---

<sup>4</sup> LADARIA, L. F., *Antropologia Teologica*, p. 30.

|  |   |
|--|---|
| <p>μετὰ χαρᾶς<sup>12</sup> εὐχαριστοῦντες τῷ πατρὶ τῷ ἱκανώσαντι ὑμᾶς εἰς τὴν μερίδα τοῦ κλήρου τῶν ἁγίων ἐν τῷ φωτί·</p> <p><sup>13</sup> ὃς ἐρρύσατο ἡμᾶς ἐκ τῆς ἐξουσίας τοῦ σκοτοῦς καὶ μετέστησεν εἰς τὴν βασιλείαν τοῦ υἱοῦ τῆς ἀγάπης αὐτοῦ,</p> <p><sup>14</sup> ἐν ᾧ ἔχομεν τὴν ἀπολύτρωσιν, τὴν ἄφεσιν τῶν ἁμαρτιῶν·</p> <p><sup>15</sup> ὃς ἐστὶν εἰκὼν τοῦ θεοῦ τοῦ ἀοράτου, πρωτότοκος πάσης κτίσεως,</p> <p><sup>16</sup> ὅτι ἐν αὐτῷ ἐκτίσθη τὰ πάντα ἐν τοῖς οὐρανοῖς καὶ ἐπὶ τῆς γῆς, τὰ ὄρατὰ καὶ τὰ ἀόρατα, εἴτε θρόνοι εἴτε κυριότητες εἴτε ἀρχαὶ εἴτε ἐξουσίαι· τὰ πάντα δι' αὐτοῦ καὶ εἰς αὐτὸν ἔκτισται·</p> <p><sup>17</sup> καὶ αὐτός ἐστιν πρὸ πάντων καὶ τὰ πάντα ἐν αὐτῷ συνέστηκεν,</p> <p><sup>18</sup> καὶ αὐτός ἐστιν ἡ κεφαλὴ τοῦ σώματος τῆς ἐκκλησίας· ὃς ἐστὶν ἀρχή, πρωτότοκος ἐκ τῶν νεκρῶν, ἵνα γένηται ἐν πᾶσιν αὐτὸς πρωτεύων,</p> <p><sup>19</sup> ὅτι ἐν αὐτῷ εὐδόκησεν πᾶν τὸ πλήρωμα κατοικῆσαι</p> <p><sup>20</sup> καὶ δι' αὐτοῦ ἀποκαταλλάξαι τὰ πάντα εἰς αὐτόν, εἰρηνοποιήσας διὰ τοῦ αἵματος τοῦ σταυροῦ αὐτοῦ, [δι' αὐτοῦ] εἴτε τὰ ἐπὶ τῆς γῆς εἴτε τὰ ἐν τοῖς οὐρανοῖς.</p> | <p>E, com alegria,<sup>12</sup> dai graças ao Pai que vos tornou dignos de participar da herança dos santos, na luz.</p> <p><sup>13</sup> Foi ele que nos livrou do poder das trevas, transferindo-nos para o reino do seu Filho amado,</p> <p><sup>14</sup> no qual temos a redenção, o perdão dos pecados.</p> <p><sup>15</sup> Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação,</p> <p><sup>16</sup> pois é nele que foram criadas todas as coisas, no céu e na terra, os seres visíveis e os invisíveis, tronos, dominações, principados, potestades; tudo foi criado através dele e para ele.</p> <p><sup>17</sup> Ele existe antes de todas as coisas e nele todas as coisas têm consistência.</p> <p><sup>18</sup> Ele é a Cabeça do corpo, que é a igreja; é o princípio, Primogênito dentre os mortos, de sorte que em tudo tem a primazia.</p> <p><sup>19</sup> Pois Deus quis fazer habitar nele toda a plenitude</p> <p><sup>20</sup> e, por ele, reconciliar consigo todos os seres, tanto na terra como no céu, estabelecendo a paz, por meio dele, por seu sangue derramado na cruz.</p> |
|--|---|

Este hino, como afirma Ladaria,<sup>5</sup> está todo centrado na pessoa do Filho encarnado, homem, morto e ressuscitado, como fica claro pelas expressões

<sup>5</sup> LADARIA, L. F., *Antropologia Teologica*, p. 35.

usadas: “no Reino de seu Filho amado, no qual temos a redenção, o perdão dos pecados” (v.13-14); “a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação” (v.15); “Primogênito dentre os mortos” (v.18); “por seu sangue derramado na cruz” (v.20). Sua posição de meta da história e a Sua função mediadora na criação vêm expressas pelas seguintes palavras do hino: “Nele que foram criadas todas as coisas (...) tudo foi criado através dele e para ele” (v.16).

Duas expressões usadas no texto merecem maior destaque. São elas: εἰκὼν τοῦ θεοῦ ὅ – “a imagem do Deus” – e πρωτότοκος πάσης κτίσεως – “primogênito de toda a criação”. Na primeira delas, a palavra εἰκὼν, poderia ser compreendida de dois modos. O tradicional, defendido por Lohse<sup>6</sup> e por Lázaro,<sup>7</sup> veria em Cristo a revelação visível do Deus invisível, o Filho como reflexo do Pai. Ele é imagem do Pai, pois, com a Sua encarnação, deu visibilidade Àquele que é invisível.

Um outro modo de interpretação da palavra “imagem”, como sustenta Ladaria,<sup>8</sup> veria nela não só a ideia de reflexo de um modelo anterior, mas como sendo precisamente o próprio modelo. Esta compreensão encontra suas bases na teologia de alguns padres da Igreja que se referiam ao homem como “imagem da Imagem”.<sup>9</sup> O ser humano criado é a imagem da Imagem, pois o primeiro Adão teria sido criado a partir do modelo do segundo. Assim, εἰκὼν comportaria o sentido de paradigma.

Na segunda expressão, πρωτότοκος πάσης κτίσεως, o termo primogênito não tem um sentido cronológico ou de ser o primeiro gerado entre os iguais. Tal expressão, referida a Cristo, indica a sua “preeminência sobre todas as criaturas, que compete a ele como mediador da Criação”,<sup>10</sup> a sua “superioridade ontológica e cosmológica”<sup>11</sup> sobre toda a criação. Assim, frente ao ato e ao fato da criação, Jesus é o primeiro no plano de Deus, de modo que a obra criadora deve ser entendida a partir da Sua própria pessoa e do desígnio da encarnação.

Lendo conjuntamente o significado das duas expressões é possível concluir que, ao criar o homem, Deus Pai tinha o Filho como o paradigma por

<sup>6</sup> LOHSE, E., *Commentario teologico del Nuovo Testamento*, p. 108-110.

<sup>7</sup> LÁZARO, T. O., *Col 1,15-20*, p. 48-52.76-82.

<sup>8</sup> LADARIA, L. F., *Antropologia Teologica*, p. 35-36.

<sup>9</sup> LAMELAS, I. P., *A salvação como divinização na Patrística grega*, p. 310.

<sup>10</sup> LOHSE, E., *Commentario teologico del Nuovo Testamento*, p. 112.

<sup>11</sup> MORALES, J., *El misterio de la creación*, p. 55.

excelência e como causa final da criação. Como para Ele tenderia a existência humana, como termo final da sua plenitude, então Cristo deveria ser o modelo através do qual o Pai criaria o homem. Sendo assim, o homem criado por Deus, no seu estado inicial natural, é criado para Cristo e, por isso, em Cristo e, portanto, tudo nele se refere ao Filho encarnado. Sendo assim, desde a perspectiva criatural natural, tudo no homem já se refere ao Filho Encarnado.

### 1.3. A reflexão Conciliar

As ideias contidas no hino cristológico e explicadas na reflexão feita anteriormente são assumidas pela exposição feita na Constituição Pastoral *Gaudium et spes*, do Concílio Vaticano II, e lidas em chave antropológica. Segundo Doldi,<sup>12</sup> depois de refletir sobre as condições do homem no mundo contemporâneo,<sup>13</sup> os padres conciliares procuraram responder a pergunta: “Mas, que é o homem?”<sup>14</sup>

Toda a reflexão feita no documento em função desta pergunta está centrada na pessoa de Cristo. Como a questão era de cunho antropológico, o Concílio não pretendeu expor a doutrina revelada sobre Jesus, mas tirar dela o que iluminaria o mistério do homem e responderia à pergunta feita. No ponto alto da resposta, que foi sendo construída ao longo do texto, o documento conciliar se refere ao homem e a Cristo da seguinte forma:

Na realidade, só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente o mistério do homem. Adão, o primeiro homem, era efetivamente figura daquele futuro, isto é, de Cristo Senhor. Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime.<sup>15</sup>

Com tal resposta, os padres conciliares unem estreitamente antropologia e cristologia, como na Carta aos Colossenses, e indicam que o homem, visto na sua condição criacional natural, simbolizada por Adão, é figura de Cristo e, portanto, só Nele seu mistério é revelado, justamente porque Ele é imagem do Deus invisível e primogênito de toda criatura.

<sup>12</sup> DOLDI, M., *Fondamenti cristologici della morale in alcuni autori italiani*, p. 50-55.

<sup>13</sup> GS 4-11.

<sup>14</sup> GS 12.

<sup>15</sup> GS 22.



Podemos, assim, concluir que como tudo no ser humano se refere a Cristo, só Nele o homem compreende qual é o caminho que revela a verdade que plenifica sua vida, pois o caminho, a verdade e a vida é o próprio Jesus (Jo 14,6). Nele, o homem conhece quem é e descobre a sua vocação de viver como filho no Filho amado e de participar do Seu Reino (Cl 1,13).

## **2. Da Cristologia e Antropologia para a Teologia Moral**

O caminho até a plenitude em Cristo não podia, porém, ser imposto ao homem, visto que ele foi criado por Deus como um ser livre. Desde Adão até hoje, esse caminho exige, portanto, a assunção responsável da liberdade pessoal na procura consciente do bem capaz promover o homem e levá-lo à plenitude.

### **2.1. Moralidade e realização humana**

O ser humano, em relação às demais criaturas, se mostra, já no relato da criação, como algo de totalmente novo e diferente, pois, segundo o Gênesis, ele é feito à imagem e semelhança de Deus. Isto significa dizer que ele é posto diante do Criador e chamado livremente à relação de comunhão com Ele por meio de uma livre e consciente resposta de amor ao Senhor e ao Seu projeto.

Como criatura livre, o progresso em vista da própria plenitude exige, portanto, que o homem possa se autodeterminar de modo livre e consciente, como sujeito responsável das próprias ações, a favor ou contra o bem que o promove, até a sua perfeição. Essa autodeterminação se dá porque o homem é dotado de inteligência e, como sujeito das suas ações, usa referenciais para um justo discernimento e faz suas escolhas de modo deliberado.

As categorias às quais nos referimos – responsabilidade, liberdade e consciência e bem – são justamente aquelas que circunscrevem a experiência moral. A relação entre essas categorias e o caminho em direção à plenitude nos mostra que o progresso humano passa necessariamente por essa dimensão moral, que lhe é natural, parte da sua condição de criatura.

### **2.2. A natureza humana racional**

Dentre os elementos metafóricos da narrativa bíblica da criação está a possibilidade do homem de contemplar a árvore do conhecimento do bem e do



mal, mas não comer de seus frutos. Somente o Criador, por ser quem é, pode determinar o bem. O ser humano pode apenas contemplá-lo.

No fundo da própria consciência, o homem descobre uma lei que não se impôs a si mesmo, que foi inscrita no seu coração pelo próprio Deus e à qual deve obedecer. Esta lei, como uma voz, sempre está a chamá-lo ao amor do bem e a fuga do mal. Essas são convicções do Concílio Vaticano II, que ainda afirma que “pela fidelidade à esta voz que ressoa na consciência, os cristãos estão unidos aos demais homens, no dever de buscar a verdade e de nela resolver tantos problemas morais que surgem na vida individual e social”.<sup>16</sup> A experiência do apelo do bem e da resposta a ele é, portanto, natural ao homem e sempre se refere a Deus, mesmo que isso não lhe seja consciente.

O homem que conhecemos é, porém, aquele pós-lapsário, cuja inteligência, que por natural disposição participa da lei divina eterna e tem ela como referência, encontra-se obnubilada diante do conhecimento da verdade e do bem que leva o ser humano à sua plenitude e, em última instância, obscurecida diante do seu Criador. Para que o homem pecador pudesse chegar com toda certeza ao conhecimento certo e pleno da verdade sobre si mesmo e do bem e, pela sua prática, caminhar rumo à sua perfeição, é que Deus enviou o Seu Filho na condição humana, cumprindo a promessa feita aos nossos primeiros pais no paraíso.

### 2.3. Filhos no Filho

A resposta do Criador diante do pecado dos nossos primeiros pais foi a promessa de um redentor nascido da estirpe de Adão e Eva. Isso indica que criação e redenção, protologia e escatologia, antropologia e cristologia, estão intimamente ligadas. O pecado, no desígnio oniprovidente de Deus, se converteu na “feliz culpa que nos mereceu um tão grande salvador”. Como o primeiro Adão foi feito em vista do segundo e esse é o paradigma por excelência para a criação daquele, em Seu Filho Encarnado o Pai nos deu, com toda certeza e plenitude, o conhecimento do que é humano no que é cristão, pois o que é humano tem no que é cristão a sua plenitude escatológica e o paradigma protológico.

Cristo, no mistério da Sua encarnação, revelou o homem ao homem, bem como o seu caminho, sem sobrepor nada à sua natureza ou contradizê-

---

<sup>16</sup> GS 16.

la, pois essa, desde o momento da criação, se refere a Ele. Tal revelação feita por Cristo não é, portanto, algo imposto ao homem a partir de fora, mas diz respeito àquilo que o homem é e que ficou obscurecido ao seu conhecimento em virtude do pecado. Cristo, como imagem de Deus e primogênito das criaturas, revela esse conteúdo antropológico que o Pai, desde o momento da criação, tinha em mente ao criar o homem.

Creemos que, por este motivo, é que se pode falar, como São Justino, sobre as sementes do Verbo, que podem ser reconhecidas nas diversas tradições éticas não cristãs. Em tais tradições, mesmo sem o conhecimento de Cristo, a natureza humana faz resplandecer parte daquele bem que Nele vemos com clareza e plenitude, pois esta natureza tem Nele o seu paradigma.

Sendo assim, em toda sua experiência pessoal, incluindo a dimensão moral, o homem é chamado em Cristo à sua plenitude e só por Ele, com Ele e Nele pode atingi-la. A esta plenitude se chega somente se o homem, consciente ou inconscientemente, viver aqueles valores humanos que em Cristo nos foram revelados. Por isso, ao falar de Jesus como resposta à pergunta sobre o homem, o Concílio afirma:

Tudo isto vale não só para os cristãos, mas para todos os homens de boa vontade, em cujos corações a graça opera ocultamente. Com efeito, já que por todos morreu Cristo e que a vocação última de todos os homens é realmente uma só, a saber, a divina, devemos acreditar que o Espírito Santo dá a todos a possibilidade de se associarem a este mistério pascal por um modo só de Deus conhecido. Tal é, e tão grande, o mistério do homem, que a revelação cristã manifesta aos que creem.<sup>17</sup>

Se tratamos de tudo isso em termo morais, então devemos dizer que desde a experiência da consciência moral, passando pelas leis e valores que servem para a compreensão do bem moral e pelas práticas das virtudes, até chegar aos atos humanos deliberados, tudo deveria se referir a Cristo como paradigma. Todos são chamados a serem e viverem como filhos no Filho e, em Cristo, chegarem àquela plenitude da existência humana e da vida moral que somente Nele o homem contempla e pode alcançar, ainda que seja de modo não tematizado e atualmente consciente.

---

<sup>17</sup> GS 22.

## Conclusão

Devemos, agora, voltar à pergunta que motivou esta pesquisa: existiria um *proprium* cristão no que se refere à experiência moral natural do ser humano?

Na reflexão feita na primeira parte deste artigo, vimos que a leitura cristológica da criação nos indica que a realidade criatural natural do homem se refere inseparavelmente a Cristo, pois Ele é o cume e o mediador da criação. Na segunda parte, vimos que a procura da plenitude humana passa pela assunção livre e consciente da responsabilidade de discernir e procurar o bem que, em Seu Filho encarnado, o Pai nos revelou com certeza e plenitude, a fim de nos ajudar a superar a incapacidade da natureza humana decaída de conhecê-lo com esta amplitude.

Assim, cremos ser possível concluir que não existe um *proprium* cristão na experiência moral em contraposição ou justaposição ou adição ao que é humano. Como tudo no homem se refere a Cristo, então, na verdade, tudo é propriamente cristão. Não há nada verdadeiramente humano que não seja cristão ou, dito de outro modo, nada verdadeiramente cristão que não seja humano. A plenitude que todo o ser humano deseja e que, livre e conscientemente, deve buscar realizar na prática do bem autêntico, nós a encontramos em Cristo. Por isso, é com Ele, Nele e por Ele que todos os homens, não só os cristãos, podem atingir livremente sua perfeição, mesmo que isso não seja consciente e tematizado para todos.

## Referências bibliográficas

BASTIANEL, S. **Il carattere specifico della morale cristiana**: Una riflessione dal dibattito italiano. Assisi: Cittadella, 1975.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et spes*: Sobre a Igreja no mundo de hoje (07 de dezembro de 1965). **Acta Apostolicae Sedis**, n.58, p. 1025-1120, 1966.

CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Optatam totius*: Sobre a formação sacerdotal (28 de outubro de 1965). **Acta Apostolicae Sedis**, n.58, p. 713-727, 1966.

DOLDI, M. **Fondamenti cristologici della morale in alcuni autori italiani**: Bilancio e prospettive. Città del Vaticano: LEV, 2000.

LADARIA, L. F. **Antropologia Teologica**. Casale Monferrato: Piemme, 1995.

LAMELAS, I. P. A salvação como divinização na Patrística grega. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE FÁTIMA, 2017, Fátima, **Actas...** Fátima: Santuário de Fátima, 2002, p. 290-350.

LÁZARO, T. O. **Col 1,15-20**: En el contexto de la carta. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1999.

LOHSE, E. **Commentario teologico del Nuovo Testamento**: Le lettere ai Colossesi e a Filemone. Brescia: Paideia, 1979.

MORALES, J. **El misterio de la creación**. 3.ed. Baranáin: EUNSA, 2010.

***Luiz Henrique Brandão Figueiredo***

Doutor em Teologia Moral pela  
Academia Afonsiana de Roma / Universidade Lateranense

Docente de Teologia Moral da  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Goiânia / GO – Brasil  
E-mail: luizbfl@hotmail.com

Recebido em: 05/09/19

Aprovado em: 07/11/19

